

## ESPAÇOS INVÍSIVEIS: AS FAVELAS NAS FOTOGRAFIAS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

### INVISIBLE SPACES: THE FAVELAS IN THE PHOTOGRAPHS OF THE GEOGRAPHY BOOKS

Alcimar Paulo Freisleben<sup>1</sup>

#### Resumo

Este artigo busca refletir sobre como as fotografias podem auxiliar no ensino de Geografia. Em 2018, na tese de doutorado, desenvolvemos uma análise de fotografias do espaço urbano brasileiro presentes nos livros didáticos de Geografia (LDG's) de 1937 a 2015. Entre estas fotografias analisamos aquelas de espaços negligenciados pelo poder público e vistos como locais de carência, desorganização e violência: as favelas.

**Palavras-chave:** Fotografia, Livro Didático, Favela, Geografia.

#### Abstract

This article seeks to reflect on how the photographs can aid in the teaching of Geography. In 2018; in the doctoral thesis; we developed an analysis of photographs of the Brazilian urban space present in the Geography books, from 1937 to 2015. Among these photographs we analyze those spaces neglected by the public power and seen as places of lack, disorganization and violence: the favelas.

**Keywords:** Photography, Instructional Book, Favela, Geography.

#### Introdução

A vida contemporânea é cada vez mais marcada pela velocidade das informações e pela grande circulação de imagens, a escola tem sido convocada a rever suas práticas. Entendemos que a sociedade atual mobiliza novas dinâmicas sociais no espaço urbano - já que atualmente grande

---

<sup>1</sup>Doutor em Geografia pelo POSGEA da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador do grupo interdisciplinar de pesquisa RETLEE da UNIOESTE - Campus Francisco Beltrão/PR. Professor Visitante na UNILA (Foz do Iguaçu-PR) E-mail: [uttamadesign@gmail.com](mailto:uttamadesign@gmail.com)

parte da população se concentra nas cidades, local onde estabelecemos nossas relações sociais, como de amizade, familiar, cultural etc. - e também novos processos de aprendizagem, sobretudo, aqueles mediados pelas fotografias encontradas nos Livros Didáticos (LD's).

A fotografia não substitui textos ou outras fontes de informação do livro didático de Geografia (LDG), mas complementa ou é complementada por estas fontes, na busca da verdade que pretende se estabelecer. Por esta razão a leitura do espaço através da fotografia deve ser feita numa perspectiva problematizadora onde prevaleçam questionamentos sob diferentes pontos de vista, de modo a facilitar as múltiplas interpretações pelos alunos.

Ler o espaço urbano através de uma fotografia consiste em observar, descrever, analisar e interpretar suas diferentes expressões e as suas contradições, atribuindo significados aos diversos elementos que a compõem. Tonini (2003), nos alerta que as imagens e os discursos difundidos, tratam de diferentes posições sobre as dimensões físicas, sociais, econômicas e culturais.

A disseminação dessas infografias atua no imaginário dos alunos favorecendo determinados interesses e espacialidades geográficas (em detrimento de outras), produzindo significados específicos e estereotipados, legitimando uma ordem estática sem referência às mudanças, alteração de funções, ignorando a instabilidade histórica e as contradições sociais (p. 16).

Mas como as imagens do espaço urbano são construídas pelos estudantes? São construídas pelas práticas socioespaciais cotidianas dos estudantes, que produzem seu modo de vida, seus desejos e valores. Pela busca ao direito à cidade, a um espaço/lugar em que ele se identifique. “Os alunos inseridos em seus contextos socioculturais, com suas interações, criam e produzem suas próprias culturas. Assim no seu cotidiano, estabelecem formas próprias de ler e explicar o espaço, sendo sujeitos geográficos” (THEVES, 2018, p. 70).

As imagens que cada um cria da cidade sofrem a influência de vários agentes do espaço, como a mídia, os gestores, os planejadores, os agentes imobiliários, e a própria população que se utiliza desse espaço. O estudante como sujeito integrante na construção de práticas espaciais da cidade, também possui uma relação com os espaços de seu convívio cotidiano e é na escola; principalmente nas aulas de Geografia; que ele vai compreendendo melhor esta relação (subjéctiva/sentimental) com sua cidade.

Assim, a linguagem visual, como é a fotografia, impacta diretamente na emotividade do aluno, isso significa que os signos, antes de adquirirem um significado racional, penetram na mente de uma forma muito mais direta. O aprendizado de conceitos, a crítica racional e a reflexão sobre o significado de uma imagem, não se realizam exclusivamente através de meios racionais ou lógicos. É um processo que além de subjéctivo, está em permanente construção/reconstrução.

Os seres humanos, através de sua forma de se organizar em determinados territórios, de influenciar determinados espaços, de usufruir de lugares específicos, de deslocar e viver na

cidade vão formando sua imagem da cidade e construindo a partir daí sua prática espacial, conforme Santos (2007). As imagens da cidade são construídas pelas ideologias dominantes (Estado, publicidade), pela internet e pelas fotografias (impressas e digitais) nos diversos materiais que utilizamos, inclusive os didáticos.

### 1. Entendendo o aparecimento das fotografias de favelas.

É importante destacar que fotografias de favelas começam a aparecer nos LDG's no final da década de 1970 - sob a influência da Geografia Crítica, idealizada por Milton Santos, quando lança em 1978 a obra: *Por Uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica* - e a Geografia Ativa na década de 1980 com os LDG's de Zoraide Beltrame.

Sobre o surgimento das favelas no Brasil, para alguns historiadores existe uma relação entre o retorno dos soldados combatentes nas guerras do Paraguai (1870) e dos Canudos (1897), e a ocupação das encostas de alguns morros. Mas conforme Costa (1865), antes disso, uma parte de nossa população pobre, que foi expulsa do centro da cidade (velha) onde as casas eram mais caras, vão habitar os arredores dos morros situados no coração da cidade. A presença de casebres em morros levanta a hipótese de se tratar de formas embrionárias de favelas. Apesar de não se tratar ainda de favelas, o que inclui, além da pobreza, a conotação de adensamento, ilegalidade, insalubridade, desordem, autoconstrução e falta de serviços e infra-estrutura urbana, há certamente uma estreita relação entre os primeiros casebres esparsos e os agrupamentos que logo se tornariam parte da paisagem da cidade do Rio de Janeiro.

Para compreender um pouco a formação das favelas é necessário, segundo Vaz (1994), considerar que no cenário urbano muitas transformações ocorrem lentamente; quando são percebidas, revelam processos que materializaram tendências há muito latentes. Para analisá-las é preciso buscar conexões entre os fenômenos no tempo e no espaço. A favela só se tornou fenômeno reconhecido oficialmente na década de 1940; sua história, suas origens e sua expansão inicial, é ainda uma lacuna na historiografia do Rio de Janeiro.

Para Almeida (2016), a favela teria surgido como consequência da aceleração do processo de urbanização e estaria historicamente associada ao combate aos cortiços no centro do Rio de Janeiro (sem ter para onde ir, os moradores dos cortiços improvisaram suas moradias nos morros, próximos ao centro). A massa removida das habitações coletivas e os fluxos de populações imigrantes<sup>2</sup>, somado à reduzida oferta de empregos e habitações baratas, teriam induzido à ocu-

---

<sup>2</sup>As causas do êxodo rural e do inchaço das áreas urbanas se remetem as políticas de desregulamentação agrícola e de disciplina financeira impostas pelo FMI e pelo Banco Mundial. E neste sentido, esse fenômeno que Davis chama de "superurbanização" não tem o seu fundamento na oferta de emprego nas grandes cidades, mas na reprodução da pobreza urbana, e o crescimento das favelas seria a principal consequência dessa conjuntura de ajuste estrutural, desvalorização da moeda e redução do Estado, que têm por consequência a redução do emprego urbano ao mesmo tempo em que se intensifica o capital no campo gerando expulsão populacional (DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006).

pação dos morros cariocas.

Portanto, segundo Freisleben (2018), o motivo para que as fotografias das favelas não aparecessem ao grande público antes de 1940, não era porque elas não existiam, mas simplesmente por ser um fenômeno social que não mereceu atenção do poder público, nem da imprensa daquela época. Somente no final dos anos 1970 e início dos anos de 1980 que alguns pesquisadores se preocuparam em estudar com mais profundidade a questão da favelização. Consequentemente estes locais antes de 1980 eram pouco pesquisados e pouco fotografados, e nem os meios de comunicação, nem o governo e a sociedade, discutiam o problema com a devida atenção.

Essa é, resumidamente, a história que se conta sobre as favelas do Rio. Apesar de não ser este o foco de nossa pesquisa, acreditamos que a reconstituição histórica permite mostrar a relação entre as favelas no processo de modernização do espaço urbano de algumas capitais e a exclusão sócio-espacial de uma considerável parcela da população menos favorecida. E este fenômeno se repete em outras cidades brasileiras, principalmente nas capitais.

Nas décadas de 1980 e 1990, autores que se identificavam com a Geografia Crítica como: José Wiliam Vesentini, Vânia Vlach, Melhem Adas, Diamantino Pereira, Douglas Santos e Marcos Carvalho, empenharam-se em produzir LDG's com novas concepções e temáticas da Geografia voltada à ruptura com o caráter descritivo/informativo deste conteúdo escolar. O resultado foi LD's com mais informações e qualidade de análise, em relação aos livros anteriores, com textos e fotografias que traziam temas mais problematizadores e que levavam em conta as dimensões socioespaciais da realidade urbana brasileira.

Precisamos refletir sobre a situação das favelas no Brasil, e encarar o desafio do planejamento e gestão das cidades que leve em consideração não só o direito à moradia adequada como um direito humano, mas também o direito à vida que tem sido constantemente ameaçado e discutir as condições de vida nas favelas, seja para reflexão acadêmica, seja para pensar a atuação sociopolítica em contextos de cidadania escassa.

As favelas não apareciam nos LDG's antes dos anos 1980, porque segundo Freisleben (2018):

A preferência era por fotografias de um Brasil em construção, moderno, sem problemas sociais ou ambientais. Interessava mostrar a imponência dos prédios e viadutos de São Paulo, a modernidade de Brasília, as belas paisagens do Rio de Janeiro, Salvador, entre outras capitais (p. 121).

Assim, os LDG's após a década de 1980, começam a mostrar - além das fotografias das belas paisagens brasileiras - os problemas, os contrastes e contradições presentes no espaço urbano. Precisamos “pensar a força dessas imagens, o que elas nos fazem ver, como criam ideias, “verdades” a respeito dos lugares do mundo, a forma como reforçam o já dado dos discursos midiáticos [...]” (DESIDÉRIO, 2017, p. 97).

Selecionamos algumas fotografias que mostram favelas. O critério para as escolhas foi de

mostrar as fotos mais impactantes que encontramos nos LDG's analisados (dos mais antigos até os mais recentes), como esta, do livro de Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira.



Fotografia 01 – Favela no bairro Vila Prudente – São Paulo (1978)

Foto: Acervo Folha Imagem

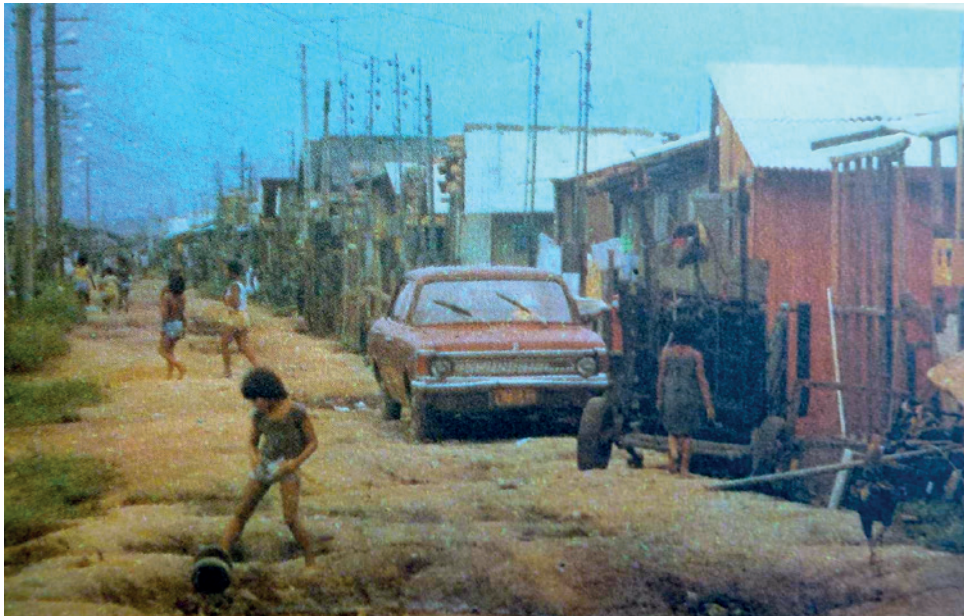
Fonte: *Geografia Geral e do Brasil* – Ensino Médio, 2011.

A legenda desta foto em preto e branco, nos explica rapidamente as causas do surgimento das favelas<sup>3</sup> no Brasil: Durante a década de 1970, o aumento das desigualdades sociais e a falta de solução para o êxodo rural, fizeram com que milhões de famílias em todas as grandes cidades brasileiras fossem viver em favelas.

Assim estas áreas de infraestrutura precárias se multiplicaram rapidamente por todo país, como mostra a fotografia 02, (retirada do livro de Zoraide Beltrame).

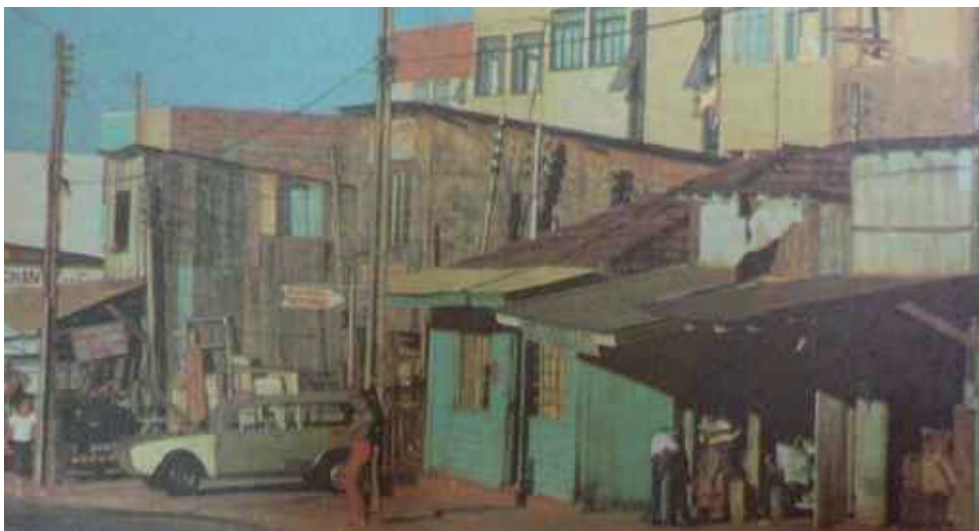
---

<sup>3</sup>Favela é um arbusto (*Enterolobium ellipticum*), da caatinga baiana que deu nome a um morro, célebre na campanha de Canudos, em 1897. Os barracões construídos no morro da Providência, para abrigar os soldados que voltaram ao Rio de Janeiro, depois da campanha, foram vendidos e alugados à população pobre da cidade, passando o morro a chamar-se Favela, tal como o seu homônimo baiano. Atualmente as casas das favelas são construídas de madeira ou alvenaria. Ainda com muitos problemas de infraestrutura (esgoto, água, energia, posto de saúde, escolas, transporte coletivo etc.) A partir de 1980 as favelas vêm passando por uma política de urbanização e a integração desses espaços à cidade. Disponível em: <<http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/i54favela.html>>. Acesso em 12 de mar. de 2019.



Fotografia 02 – Favela em São Vicente  
Foto: Irmo Celso - Abril Press  
Fonte: *Geografia do Brasil*, 2º grau 1983.

A fotografia 03, (do livro de Melhem Adas) retrata o abandono do poder público, em um espaço próximo da capital federal:



Fotografia 03– Favela na cidade satélite de Ceilândia – Brasília  
Foto: Autor desconhecido  
Fonte: *Brasil Sociedade e Espaço*, 2º grau 1991.

Além da precariedade das ruas e casas, a ausência do Estado<sup>4</sup>, o uso indiscriminado do solo e as ocupações irregulares no entorno de Ceilândia, agravam a situação da periferia.

A próxima fotografia (04), (também de um livro de Melhem Adas) retrata a precariedade destas moradias em um local insalubre, sem saneamento e com perigo de inundação, a beira de um córrego poluído na capital mais rica do Brasil.



Fotografia 04 – Favela a margem do córrego Carandiru em São Paulo

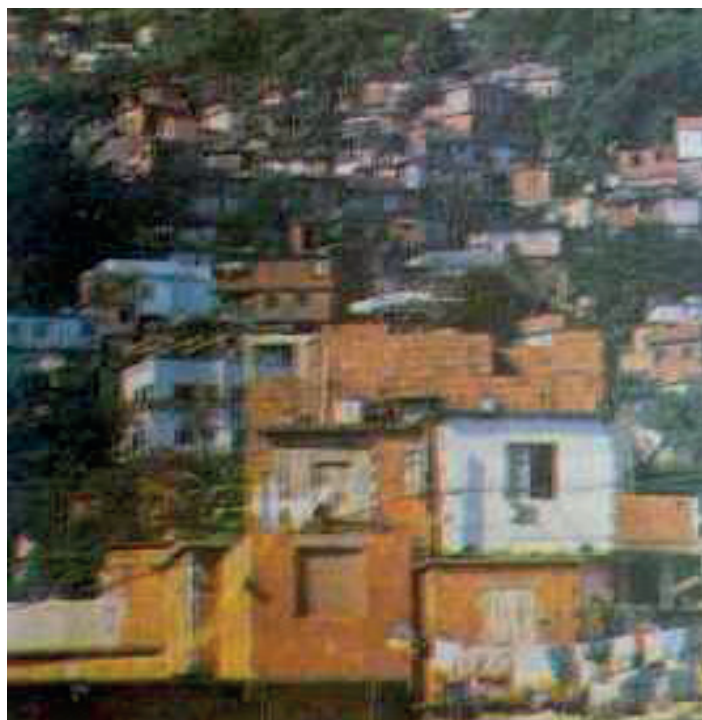
Foto: Jacek Iwanisoky/Kino

Fonte: *Geografia: construção do espaço brasileiro*, 6ª série, 2006.

Ou esta outra fotografia (05), de uma favela carioca (em área de grande inclinação com risco de deslizamento), do livro de J. William Vesentini e Vânia Vlach.

---

<sup>4</sup>Segundo a argumentação apresentada por Mike Davis, o fato da generalização das favelas estaria mais para uma deliberada inação por parte do Estado, que opta por se omitir ou se posicionar de maneira cínica em relação aos problemas sociais a que estão submetidos os moradores destas ocupações precárias. (DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006).



Fotografia 05 – Favela carioca  
Foto: Jacek Iwanisoky/Kino  
Fonte: *Geografia Crítica*, Ensino Médio, 1991.

A fotografia 06, mostra os contrastes sociais da cidade de São Paulo.



Fotografia 06 – Favela em São Paulo contrastando com os arranha-céus ao fundo  
Foto: Autor desconhecido  
Fonte: *Geografia ativa: as Américas*, 1º grau, 1984.

Na nossa pesquisa percebemos que com o passar do tempo as fotografias que retratam as



favelas (com esta que acabamos de ver), começaram a mostrar não somente a favela em primeiro plano, mas também a cidade moderna e rica ao fundo, ou vice-versa, (em alguns casos, quando se retratava a cidade em primeiro plano, aparecia uma favela atrás). Ambos os ângulos denunciam o contraste entre estes dois espaços, que teimam em ser um só.

E este contraste entre o mundo da pobreza e o da riqueza, vai crescentemente fazer parte das fotografias que compõem os LDG's. Como as fotos 07 e 08, (dos LDG's de Melhem Adas):

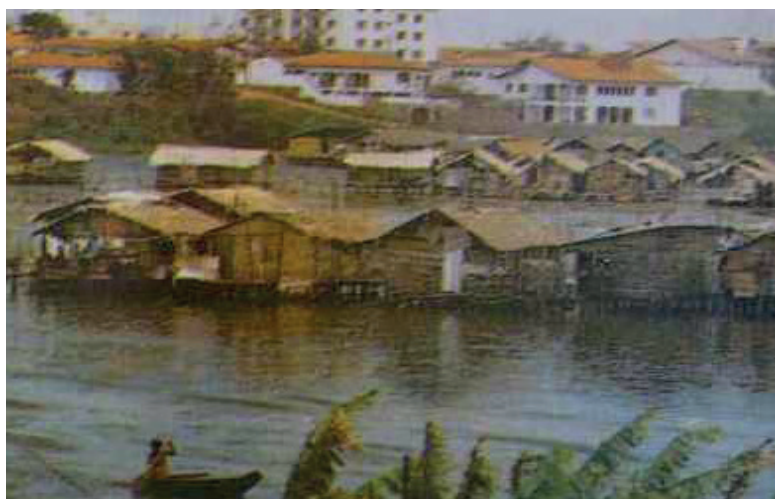


Fotografia 07- Favela na cidade de São Paulo

Foto: Pascal Maitre/Gamma

Fonte: *Geografia: a América*, 1º grau, 1984.

Esta outra fotografia (08) de contrastes urbanos, a legenda diz o seguinte: *contraste da ocupação do espaço pelo homem. O espaço geográfico retrata a sociedade que nela vive, uma sociedade cujos membros se diferenciam segundo a renda.*

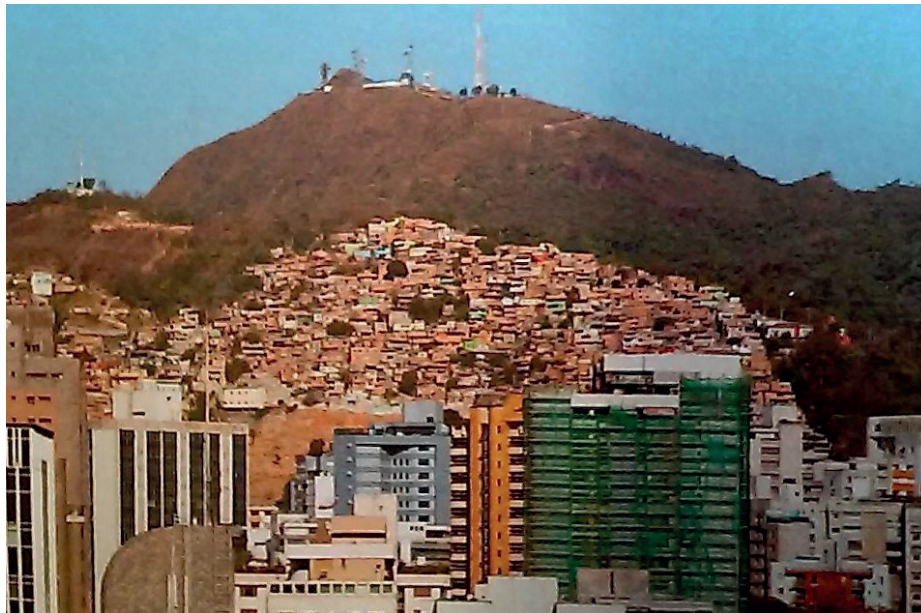


Fotografia 08 – Conjunto de palafitas com construções modernas ao fundo – Recife

Foto: Manoel Novaes

Fonte: *Noções básicas de Geografia*, 1º grau 1991.

Muitas vezes se torna difícil encontrar os limites das favelas com os de bairros mais ricos (em algumas é somente um muro ou uma rua/avenida), pois estas duas realidades já convivem juntas há muito tempo, parecendo fundidas no mesmo espaço. Como mostra a fotografia 09, do LDG de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco.



Fotografia 09 – Favela em Belo Horizonte, 2012  
Foto: Marcos André/Opção Brasil Imagem  
Fonte: *Geografia Homem & Espaço*, 7ª série, 2017.

Algumas soluções para estes espaços de exclusão, podem vir do poder público, apesar de serem pontuais, apontam uma saída a este problema social, como mostram as fotografias 10 e 11, do livro de Claudia Magalhães, Lilian Sourient, Marcos Gonçalves e Roseni Rudeck.



Fotografia 10 e 11 – Favela do Gato antes e depois da urbanização, São Paulo, 2001 e 2004  
Foto: Ed Viggiani/Folhapress e Rogério Cassimiro/Folhapress  
Fonte: *Geografia* 7ª série, 2017 e *Geografia* 7ª série, 2017.

Apesar de iniciativas como esta da Favela do Gato (rebatizada de Parque do Gato) ser louvável, elas não conseguem resolver o problema do crescimento das favelas - segundo dados da Prefeitura de São Paulo em 2016 foram catalogadas 1.698 comunidades com habitações precárias (mais de 20 novas favelas surgem a cada ano). A atual crise econômica é apontada como principal causa para o crescimento das moradias irregulares na capital. Mas o fenômeno já vem sendo registrado há muito tempo.

O último Censo do IBGE (2010), já havia registrado um aumento de 55% nesse tipo de moradia em relação à verificação anterior, feita no ano 2000. Já a população que vivia nestas condições teve um aumento de 40% nos mesmos 10 anos. Parece uma tarefa impossível frear este crescimento (pelo menos a curto prazo).

A favelização no espaço urbano é um fenômeno que merece atenção tanto da Geografia como de outras ciências afins, mas principalmente dos governos, em todas as esferas (municipal, estadual e federal). Embora parte significativa do déficit habitacional - de 5,8 milhões de residências, (IBGE, 2010) - esteja concentrada em favelas, entendemos que somente com a conjugação de diferentes programas e ações, será possível avançar na garantia de acesso a moradias dignas em todo o país.

Estas fotografias sempre tendem para enquadramentos com cenário deprimentes: esgotos<sup>5</sup> a céu aberto, moradias muito precárias, crianças aparentemente sem escola e adultos sem trabalho. Este padrão de fotografias engessa outras formas de enxergarmos a vida na favela. São estas fotografias que nos paralisam e nos impedem de ver outras realidades, além daquela ali intencionalmente retratada. Portanto “a Geografia que funcione somente fortalecendo e repetindo estas imagens, nos faz reprodutores de discursos e posicionamentos que podem vir a imobilizar nossas possibilidades para com o espaço geográfico” (FIRMINO, MARTINS, 2017, p. 106).

A partir do ano 2000 estas imagens se tornaram efetivas nos LDG's, já não causam tanto impacto ou questionamentos como a trinta anos atrás, parece que já naturalizamos estas fotografias. Os alunos não estranham mais os acontecimentos que marcam a nossa sociedade, “[...] não se altera nem mesmo o comportamento ao andar pelas ruas e enxergar um ser humano mergulhado na lixeira procurando o que comer. A ausência desse estranhamento revela a ausência da reflexão e das relações tecidas entre os acontecimentos” (COSTELLA, 2013, p. 63).

Se estas fotografias nos LDG's da década de 1980, podem ter causado espanto ou até chocado alguns leitores, hoje as aceitamos como parte da nossa realidade urbana, pois além de aparecerem em grande quantidade nos LDG's, a favela pode ser vista toda noite nos tele-jornais, nas revistas e notícias da internet, ou da janela do ônibus ou do nosso carro, quando passamos por estes locais.

---

<sup>5</sup> No tópico “Viver na merda”, do livro de Davis (2006), os relatos da inexistência de saneamento básico chocam não só pelos reflexos que tem em outras esferas básicas como qualidade da alimentação e acesso a água potável, mas sim pela desumanidade com que são consideradas essas populações. (DAVIS, Mike. Planeta Favela. São Paulo: Boitempo, 2006).

É importante ressaltar que o problema das moradias precárias, não é um fenômeno restrito somente as grandes cidades. Municípios menores também tem suas favelas, moradias em áreas de invasão ou bairros construídos em áreas propícias a deslizamentos. Assim, fotografias destas cidades menos conhecidas, também começam a aparecer nos LDG's. Como esta (12) de Jaguariaiva (PR), retirada do livro de Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira.



Fotografia 12 – Favela na cidade de Jaguariaiva

Foto: Jacek/Kino

Fonte: *Geografia e Cidadania* – Ensino Fundamental, 2009.

Todas as capitais brasileiras possuem favelas, em algumas é difícil encontrar as ruas ou vielas que levam as casas, como mostra esta fotografia (13), retirada do LDG de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco, onde o mato esconde as vias de acesso as moradias.



Fotografia 13 – Favela em Manaus, 2013

Foto: Guy Bouchet/Photononstop/AFP

Fonte: *Geografia Homem & Espaço: 7ª série*, 2017.

As moradias precárias também estão presentes em cidades consideradas modelos/ecológicas, como Curitiba. A fotografia 14, do LDG de Levon Boligian, Rogério Martinez, Wanessa

Garcia e Andressa Alves, mostra que a paisagem da periferia da cidade é bem diferente daquelas tão difundidas, dos parques e dos bairros nobres da moderna capital paranaense. A dominação do espaço urbano por parte de uma elite, para Davis (2006), visa o embelezamento e a racionalização da cidade, mesmo que ao custo de considerar a população pobre como “entraves humanos” ao progresso e modernização da cidade.



Fotografia 14 – Favela em Curitiba, 2013

Foto: Zig Koch/Pulsar Imagens

Fonte: *Geografia Espaço e Vivência*, 7ª série, 2017.

Notamos que além das temáticas sociais e ambientais presentes na maioria das fotografias dos LDG's, começaram a aparecer nos livros mais atuais (ano 2010 em diante), um maior número de fotografias de favelas (com fotografias muitas vezes de página dupla), demonstrando a importância, cada vez mais urgente, de discutirmos no ambiente escolar a questão das favelas em nosso país, como mostra a fotografia 15, da abertura de um capítulo, do livro de Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira.



Fotografia 15 – Favela no morro Dona Marta e bairro Botafogo – Rio de Janeiro

Foto: Sergio Moraes/Reuters/Latinstock

Fonte: *Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização*, Ensino Médio, 2011.

E esta compreensão sobre a favela, passa primeiramente por um entendimento mais profundo dos seus conceitos. Segundo Silva (2011), o *Observatório de Favelas*, há anos vem trabalhando na busca de construir estes conceitos, dados e argumentos que permitam a devida compreensão dos territórios favelados de acordo com outras referências, que não as hegemônicas, onde os moradores são vistos como pobres/miseráveis e que fazem pouco para mudarem de situação. Para Milton Santos (2006):

Miseráveis são os que se confessam derrotados. Mas os pobres não se entregam. Eles descobrem cada dia formas inéditas de trabalho e de luta. Assim, eles enfrentam e buscam remédio para suas dificuldades. Nessa condição de alerta permanente, não têm repouso intelectual. A memória seria sua inimiga. A herança do passado é temperada pelo sentimento de urgência, essa consciência do novo que é, também, um motor do conhecimento (p. 132).

Trata-se, então, em primeiro lugar de desconstruir os pressupostos de ausência, carência, precariedade, conformismo e inatividade, que norteiam os olhares tradicionais sobre esses territórios e seus moradores. É preciso criarmos novas estratégias de pensamentos e ações nestes tempos difíceis que vivemos.

Por isso um pouco de utopia (esperança) em forma de poesia (SOCIEDADE SEM PRISÕES, 2018), pode valer a pena:

Imagine uma intervenção no morro...  
Uma grande intervenção cultural,  
artística, musical, educativa.  
Imagine o morro sendo ocupado...  
Por vários artistas, músicos, professores, psicólogos,  
engenheiros, advogados, médicos e assistentes sociais.  
Imagine todos andando armados...  
De informação, conhecimentos,  
instrumentos de música, de arte e trabalho.  
Militar ia ser só verbo...  
Verbo de agir pra transformar.  
Assim como luto...  
Não mais por jovens no caixão lacrado,  
mas como eu luto, tu lutas, nós lutamos!  
"Mãos ao alto" ...  
Só para agradecer as conquistas!  
"Perdeu, perdeu" ...  
Porque todos perderam o medo!  
No lugar do medo, esperança...  
No lugar da inércia, ação...  
No lugar do ódio, amor...  
No lugar da vingança, ajuda mútua...  
No lugar do som dos morteiros, música...

♪“O sol há de brilhar mais uma vez  
A luz há de chegar aos corações  
Do mal será queimada a semente  
O amor será eterno novamente”. ♪

Infelizmente isto ainda está distante de se realizar, pois a favela, sempre foi vista como um lugar de carências e miséria: com pouca infraestrutura urbana - esgoto, coleta de lixo, sem arruamento, sem ordem, sem lei e sem regras.

Para Freisleben (2018), o conceito deste espaço na visão hegemônica, traz na sua raiz discriminações e limitações de toda ordem: localizadas em terrenos elevados ou planos, reunindo centenas, milhares ou dezenas de milhares de moradores, com diferentes equipamentos, serviços e mobiliários urbanos, sendo constituída por casas e/ou apartamentos, com diferentes níveis de violência e presença do poder público, além das variadas características ambientais, as favelas constituem-se como territórios com paisagens razoavelmente diversificadas. Essa diversidade é absolutamente ignorada.

Segundo Silva (2011):

As favelas são espaços com múltiplas demandas, obviamente, como outros territórios da cidade. Todavia, as explicações centradas nas carências, irregularidades, ausência de equipamentos e serviços urbanos deixam de lado, em primeiro lugar, as inúmeras positivities, inovações e paisagens de favelas existentes; em segundo lugar, revelam a representação daqueles territórios plurais como um fenômeno isolado, na/da cidade, e não como parte inerente ao processo de desenvolvimento histórico das metrópoles brasileiras. Com efeito, as percepções baseadas nas ausências pretendidas ignoram os aspectos relacionais dos territórios populares e o conjunto da cidade. As circularidades sócioterritoriais envolvem as práticas dos moradores, a consonância entre os seus valores e os de moradores de outros espaços da cidade, as formas de relacionamentos econômicos, culturais, educacionais, afetivos etc. (p. 50).

Assim, precisamos ver as favelas como vemos outros espaços, com possibilidade da existência da multiplicidade, da pluralidade, da coexistência da heterogeneidade, do respeito às diferenças, com um olhar centrado também nas suas positivities.

### **Considerações Finais**

A favela é um espaço de produção cultural inovadora onde valoriza-se a busca de soluções criativas, apoiadas na coletividade e na solidariedade, em um mundo social dominado por uma lógica centrada no individualismo e no poder do mercado de regular as relações sociais. São inevitavelmente parte das nossas cidades.

Conforme Freisleben (2018), o que falta aos favelados não é somente mais educação, saúde, moralidade, o que falta acima de tudo, para estes trabalhadores urbanos, que buscam susten-

tar sua família e quando possível ascender socialmente de forma digna, são mais oportunidades.

Paradoxalmente as favelas sempre estiveram ali. Por muitas décadas estiveram bem visíveis no alto dos morros e na beira dos rios e córregos das cidades, mas quase não apareciam fotografias com esta temática nos LDG's mais antigos.

As imagens estão arraigadas em nossa memória visual de tão recorrentes que são em nosso cotidiano, que configuram uma educação visual, segundo Oliveira Jr. e Soares (2012). São naturalizadas, como se só fosse possível aquela imagem, e as características fotográficas contribuem para isso na medida em que se repetem os ângulos, os enquadramentos, a mesma forma de iluminação e captura das imagens. É isso que os LD's fazem com as fotografias. Ratificam a memória visual já constituída.

Precisamos refletir também, sobre outras questões importantes: como nós professores estamos utilizando estas fotografias em sala de aula? Quais outras possibilidades de utilização criativa teriam as fotografias nas escolas, nas nossas aulas de Geografia, além de sua função informativa a respeito do espaço geográfico?

Estas fotos, se colocam diante de nós como que divulgando os lugares/assuntos fotografados, “mas não nos levam a pensar e inventar nada para além destes lugares/assuntos, muito menos nos levam a pensar a fotografia, como uma das linguagens na qual nosso mundo contemporâneo ganha existência em nosso pensar” (OLIVEIRA JR., SOARES, 2012, p. 115).

As sequências de fotografias nos LD's seriam as imagens por onde os estudantes lembrariam dos assuntos e conceitos - locais - estudados anteriormente e exigidos para a sua aprovação. Esta maneira de entrar em contato com as fotografias restringem-nas, fazendo-as ser pouco mobilizadoras do pensamento dos estudantes no ambiente escolar.

Em nosso entender, isto mantém a vida dos alunos alijadas das atividades de pensamento, que poderiam advir dos materiais e situações escolares que solicitassem a eles entrar em contato com as fotos, deixando-se contagiar por elas ao mesmo tempo que as contagiassem com seus universos de pensamentos, de imaginações, de vida (OLIVEIRA JR., SOARES, 2012, p. 115).

Portanto é necessário que encontramos nas fotografias dos LDG's, “sentidos e significados que não sejam absolutos e estático, mas mutáveis, dúbios, transformadores, que disparem sensações e pensamentos, que abram vãos no entre-imagens, que pode vir-a-ser qualquer fotografia” (OLIVEIRA JR., SOARES, 2012, p. 117).

Nas nossas análises das fotografias dos LDG's buscamos sempre ver estas imagens com um olhar crítico e reflexivo, submetendo estas fotografias a dúvida e ao questionamento, perguntando-nos: que potências poderiam emergir dessa desconstrução?

Poderíamos encontrar a resposta na aposta de que a fotografia quando desvinculada da função de somente ilustrar algo, teria a possibilidade de revelar novos potenciais no ensino de Geografia. Neste sentido, procuramos arrancar a linguagem fotográfica da zona de conforto a que



está submetida nos LDG's, ao ser vista somente como documento de uma realidade pré-existente ao ato de fotografar, livre de interpretação e de uma análise crítica.

### Referências

ALMEIDA, Rafael G. de. *Favelas do Rio de Janeiro: a geografia histórica da invenção de um espaço*. Tese (doutorado) PPG-UFRJ: Rio de Janeiro, 2016.

COSTA, Antonio. C. de S. *Qual a Alimentação que Usa a Classe Pobre do Rio de Janeiro e Sua Influência Sobre a Mesma Classe*, Rio de Janeiro: Perseverança, 1865.

COSTELLA, Roselane Z. Movimentos para (não) dar aulas de Geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; TONINI, Ivaine M.; KAERCHER, Nestor A. (orgs.). *Movimentos no ensinar geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

DESIDERIO, Raphaela de T. *Composições e afetos com fotoáfricas: exercício de pensamento na educação geográfica*. Tese (Doutorado) – UFRGS, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2017.

FIRMINO, Larissa C.; MARTINS, Rosa E. M. W. Imagens-clichês e Livros Didáticos: reflexões para o ensino de Geografia. In: TONINI, Ivaine M.(org.) [et al.]. *O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

FREISLEBEN, Alcimar P. *Fotografias que revelam o espaço urbano nos livros didáticos de Geografia*. Tese (Doutorado) – UFRGS, Instituto de Geociências, POSGEA: Porto Alegre, 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais-1872/2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 11 out. 2019.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. de; SOARES, Elaine dos S. Fotografias didáticas e geografia escolar entre evidências e fabulações. *PerCursos*, Florianópolis, v. 13, n.02, p. 114 – 133, jul./dez. 2012.

SANTOS, Eliete M. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia v.8, n.24 Dez./2007 p. 33-45. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 2 out. 2017.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Jailson de S. Favelas: as formas de ver definem as formas de intervir. *Revista Econômica*, Rio de Janeiro, v 13, n 1, p. 47-57, junho 2011. Disponível em: <[http://www.proppi.uff.br/revista-economica/sites/default/files/Favelas\\_As\\_formas\\_de\\_ver\\_definem\\_as\\_formas\\_de\\_intervir.pdf](http://www.proppi.uff.br/revista-economica/sites/default/files/Favelas_As_formas_de_ver_definem_as_formas_de_intervir.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2018.

SOCIEDADE SEM PRISÕES. *Facebook*. 21 fevereiro 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sociedadesemprisoas.pag/>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

THEVES, Denise W. *Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne: Geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos*. Tese (Doutorado) – UFRGS, Instituto de Geociências, POS-GEA: Porto Alegre, 2018.

TONINI, Ivaine M. *Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia*. In: *Mercator*, ano. 2, n. 4, 2003.

VAZ, Lilian F. *Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos - a modernização da moradia no Rio de Janeiro*. *Análise Social*, vol. XXIX (127), 1994 (3º), 581-597.

---

*Artigo Recebido: 28/10/2020*

*Aprovado em 20/11/2020*

*Publicação: Dezembro de 2020*